

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

150 anos



ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES  
1863-2013

Patrocinador oficial  
FUNDAÇÃO MILLENIUM BCP

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, Andrea Martins, César Neves  
Design gráfico: Flatland Design

Produção: DPI Cromotipo – Oficina de Artes Gráficas, Lda.  
Tiragem: 400 exemplares  
Depósito Legal: 366919/13  
ISBN: 978-972-9451-52-2

Associação dos Arqueólogos Portugueses  
Lisboa, 2013

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Os desenhos da primeira e última páginas são, respectivamente, da autoria de Sara Cura e Carlos Boavida.

Patrocinador oficial



Apoio institucional



# A VALORIZAÇÃO PATRIMONIAL E EDUCATIVA DE SÍTIOS PALEOLÍTICOS: O EXEMPLO DA FOZ DO ENXARRIQUE

Luís Raposo / Museu Nacional de Arqueologia e Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa /  
luisraposo@mnaarqueologia.dgpc.pt

Silvério Figueiredo / Centro Português de Pré-História e Geo-História e Instituto Politécnico de Tomar /  
silverio.figueiredo@sapo.pt

## RESUMO

O sítio arqueológico da Foz do Enxarrique localiza-se nas margens do rio Tejo, em Vila Velha de Ródão. Apresenta uma ocupação principal do Paleolítico Médio, representada por um horizonte arqueológico *in situ* constituído por largos milhares de artefactos líticos e por um rico conjunto faunístico, em directa associação estratigráfica e espacial com a ocupação humana.

O acesso ao sítio, classificado como “imóvel de interesse público”, foi recentemente beneficiado pela construção de ponte pedonal unindo as duas margens da ribeira do Enxarrique. Este facto, aconselha a adopção de medidas que melhor o protejam e potenciem socialmente, incluindo elementos de valorização patrimonial e educativa, numa perspectiva que se crê inovadora no plano nacional).

## ABSTRACT

The archaeological site of Foz Enxarrique, is located on the banks of the Tagus river, in Vila Velha de Ródão. It presents a major occupation of the Middle Palaeolithic, represented by an *in situ* archaeological horizon consisting of several thousands of lithic artefacts and a rich assemblage of fauna in direct stratigraphic and spatial association with the human occupation.

The access to the site, classified as “property of public interest”, has recently benefited from the construction of a pedestrian bridge connecting the two banks of the river Enxarrique. This advises the adoption of measures to better protect and potentiate it socially, including elements of heritage and educational valuation, in a perspective believed to be innovative national terms.

O sítio arqueológico da Foz do Enxarrique, classificado como Imóvel de Interesse Público (Decreto n.º 29/90, DR, I Série, n.º 163, de 17-07-1990) constitui, tanto do ponto patrimonial como do ponto de vista científico, um dos mais importantes locais da sua tipologia (acampamento de ar livre) e datação (Paleolítico Médio Final) conhecidos em Portugal e até em toda a Península Ibérica. Esta importância deriva de três características cumulativas:

- 1) Ocorrência de um horizonte de ocupação humana único, fisicamente bem individualizado e protegido por espessa cobertura siltosa, composto por grande quantidade (cerca de dez milhares) de artefactos, homogéneos e representativo da totalidade das cadeias operatórias líticas;

- 2) Conservação em associação e contexto fechado de um significativo pacote faunístico, verdadeiramente excepcional no contexto geo-sedimentar da região, no qual se incluem alguns exemplares de uma fauna-reliquia (elefante, rinoceronte) de que neste local se registam a últimas previvências peninsulares;
- 3) Datação absoluta muito fiável (c. 31 mil anos), de grande relevância para a discussão da extensão do Paleolítico, e por consequência, do Homem de Neandertal no território ocidental ibérico até cronologias muito tardias.

Entre 1982 e 2001 (embora de forma descontínua), o local foi objecto de escavações conduzidas por critérios unicamente científicos, segundo uma meto-

dologia de escavação sucessiva de áreas justapostas, até atingir uma superfície total de cerca de 270 m<sup>2</sup> (da qual 165 m<sup>2</sup> constituem um núcleo central de dimensão rectangular, susceptível de servir a análises de distribuições especiais mais desenvolvidas). O volume de dados assim obtido é considerado amplamente suficiente para as finalidades científicas, que visam a caracterização do sítio e da sua ocupação humana, ficando em reserva potencial para o futuro uma área muito superior e previsivelmente melhor conservada do que a já escavada (cf. planta em anexo, fig. 1, zonas A e H).

O conhecimento do local e das suas condições de jazida permite antecipar com alguma facilidade a existência, para além da área de reserva absoluta acima indicada, de outras zonas em que o horizonte arqueológico se encontrará presente, porventura em pior estado de conservação, mas ainda assim com vestígios (líticos e faunísticos) suficientemente interessantes para merecerem a atenção, sobretudo do ponto de vista patrimonial e educativo.

São raros, para qualquer época e mormente para períodos mais antigos da Pré-História, os locais em que possam estar reunidas as condições indicadas, ou seja: a) a satisfação de questionário científico, com a conservação de ampla reserva para o futuro e ainda b) a subsistência de sectores em que possam ser atendíveis outros usos sociais do local. Acresce que diversos factores de ordem logística contribuem para acentuar o potencial patrimonial e educativo do local:

- 1) O acesso fácil de pessoas (reforçado a partir de agora pela construção de ponte pedonal sobre a foz a ribeira do Enxarrique) e de equipamentos (através de caminho de terra batida que desemboca no local);
- 2) A inclusão potencial em programas patrimoniais e educativos mais amplos, nomeadamente os que visem o melhor conhecimento da arqueologia (arte rupestre, megalitismo, mineração antiga, etc.) e da natureza, física (Portas de Ródão, vale do Tejo) e biológica (avifauna), de uma região classificada como Monumento Natural (Decreto Regulamentar n.º 7/2009, de 20 de Maio), programas que na maior parte dos casos usam a via fluvial e têm como placa giratória o cais do Porto do Tejo, situado a cerca de duzentos metros do sítio da Foz do Enxarrique;
- 3) A mobilização de meios técnicos para os trabalhos de campo em arqueologia, seja no plano da escavação propriamente dita, seja nos pla-

nos crivagem (por água, no local) e tratamento elementar de dados (no que se conta com o apoio de retaguarda de instalações cedidas pela Câmara Municipal de Vila Velha de Ródão);

- 4) A própria natureza dos sedimentos de cobertura (siltes de grande plasticidade, ideais para decapagem fina) e do horizonte arqueológico (nível carbonatado e por isso fisicamente individualizável com facilidade e materializado em solo ocupacional de grande poder ilustrativo).

Nestes termos, considerando o encadeamento de factores acima enunciados, teremos de concluir que tudo conduz a considerarmos o interesse da valorização patrimonial do sítio da Foz do Enxarrique, nomeadamente através da instalação no local de uma “escavação-escola”, com carácter paradigmático.

Como se sabe, o ensino prático da arqueologia envolve necessariamente a actividade de campo, sendo frequentemente criticada, ou apenas lamentada, a sua ausência, ou insuficiência, em muitos dos jovens arqueólogos formados em ambiente universitário.

Quando existente, a prática referida é dada quase sempre com o estatuto de actividades de campo dirigidas por professores universitários, no âmbito dos seus respectivos programas de pesquisa. Ocasionalmente, os formandos podem também obter experiência de terreno através da participação em escavações dirigidas por investigadores não universitários, com finalidades diversas: investigação fundamental, valorização patrimonial (com ou sem musealização), prevenção ou minimização de impactes ambientais, etc. . . Porém, raramente, ou nunca, estas escavações têm finalidades propriamente educativas, sendo esta dimensão sempre subordinada a outras, consideradas mais relevantes.

Compreende-se a escassez, ou virtual inexistência, de trabalhos arqueológicos de campo, mormente escavações, orientados prioritária ou exclusivamente por finalidades educativas. Como estratégia destrutiva que é, a escavação de um local arqueológico dificilmente será compaginável com esse tipo de prioridades. Todavia, o conceito de “escavação-escola” tem já quase meio século no estrangeiro e constituiu o instrumento fundamental de formação prática de gerações sucessivas de investigadores, incluindo numerosos portugueses. Cite-se como exemplo mais paradigmático o do acampamento do Paleolítico Superior Final (Madalenense) de Pincevent, situado nas margens do rio Sena, junto a Montereau. Ou, ainda, mais tarde e na mesma zona, o acampamento de

Etiolles. Em ambos os casos, depois de atingido um conhecimento cientificamente suficiente dos locais, as escavações continuaram durante décadas (e no segundo caso continuam ainda), com fins essencialmente formativos, tirando partido de facilidades logísticas várias e da qualidade dos testemunhos preservados, tudo servido por métodos de escavação exemplares, onde as sucessivas tecnologias de ponta puderam, em cada momento, ser praticadas.

É este o sentido que pretendemos aplicar no caso da proposta da instalação de uma “escavação-escola” no sítio da Foz do Enxarrique.

Não se trata de equiparar este conceito ao de “campo de trabalho” ou sequer ao de “oficina-escola”. No primeiro caso, porque no modelo ora proposto sobrelevam as intenções educativas e não as meramente ocupacionais; no segundo caso, porque se trata de formação não incluída em *curricula* de graduação arqueológica, seja de nível médio (escolas secundárias formadoras de vários perfis técnicos auxiliares em arqueologia), seja de nível universitário (universidades e escolas superior habilitantes à definição do perfil de arqueólogo). Isto sem prejuízo de poder a prática adquirida numa “escavação-escola” ser apoiada pelos programas ocupacionais para jovens e de ser também reconhecida, mediante protocolo prévio ou simplesmente através de aceitação *a posteriori*, como elemento curricular relevante adentro de plano de estudos de instituições de ensino que assim o entendam.

Na sua dimensão simultaneamente patrimonial e educativa, as “escavações-escola”, tal como proposto, aproximam-se mais de instituições de natureza museológica, do que de outras quaisquer. Algumas deram mesmo origem a museus monográficos ou museus de sítio. No caso vertente, atenta a localização em posição susceptível de ser afectada por cheias do rio Tejo, e atentas as pesadas condições financeiras que tal desenvolvimento implicaria, considera-se por agora a relação privilegiada com o Centro Municipal de Cultura e Desenvolvimento de Vila Velha de Ródão e com o Museu Nacional de Arqueologia, organismos em que se encontram depositadas as colecções provenientes deste sítio arqueológico. A “escavação-escola” da Foz do Enxarrique poderá assim constituir elemento integrante dos seus respectivos planos de actividades.

Não abundam, na vasta bibliografia internacional sobre musealização *in situ* de sítios arqueológicos, exemplos de intervenções em sítios de *habitat* de ar

livre do Paleolítico. Compreende-se que assim seja, porque se trata na maior parte dos casos de locais situados em depósitos de sedimentos finos, muito sensíveis à acção meteórica, desprovidos de estruturas construídas, nunca monumentais, e afinal constituídos “apenas” artefactos líticos e eventualmente restos ósseos, ambos frequentemente difíceis de interpretar ou até de visualizar a distância.

Em todo o caso, podem citar-se locais até certo ponto afins e com diferentes soluções de patrimonialização e/ou musealização. Alguns, como Cagny la Garenne (no Norte e França) são especialmente próximos, porque respeitam a sítios de ar livre representados hoje basicamente por sequência estratigráficas preservadas e explicadas. O mesmo se passa, aliás, com diversos casos de abrigos sob rocha (Le Moustier, La Ferrassie, etc. – ambos na Dordonha francesa), mas aqui as condições de protecção natural fornecidas pelas paredes dos abrigos constituem condições favoráveis importantes, inexistentes nos sítios de ar livre. Outros casos a considerar, com investimentos mais pesados dos aqui propostos, são os de Isernia la Pineta (próximo de Nápoles, em Itália), Torralba e Ambrona (ambos na Velha Castela espanhola). Em todos, ergueram-se estruturas de cobertura que deram origem a museus de sítio, alguns deles muito simples (meros volumes ocultos, com varandas de observação pelo interior), outros bem mais complexos, na arquitectura e na concepção institucional, já que dotados de verdadeiros centros de investigação e formação. De referir ainda, em registo simples, o sítio de Ologersailie (no Quénia), onde se conserva um amplo horizonte de superfície com abundantes peças acheulenses (Paleolítico Inferior), observável a partir de passadiços e sem especiais estruturas de cobertura, dada a natureza árida do clima da zona.

Como se disse, os exemplos indicados e outros que poderiam também ser invocados, apenas parcialmente servem aos propósitos e às condições específicas do sítio da Foz do Enxarrique, sendo aqui necessário reflectir, propor e depois executar um plano próprio, necessariamente original, que passamos a detalhar.

À partida, é forçoso ter presente que algum tipo de intervenção patrimonial teria de ser feito neste local, por força dos riscos acrescidos decorrentes das maiores facilidades de acesso ao mesmo e sobretudo pela natureza de passagem que passará a apresentar para a maior parte dos seus frequentadores, no âm-

bito do percurso pedonal que passará a ligar o cais do Porto do Tejo a Senhora da Alagada.

Constitui um dado adquirido que a maior facilidade de acesso aos locais arqueológicos representa um factor potencial de perigo para os mesmos. Por isso, recomenda-se frequentemente que, na impossibilidade da tomada de outras estratégias cautelares, seja adoptada a medida radical do reenterramento das áreas escavadas, eventualmente protegidas por geotêxteis e materiais drenantes que garantem a conservação dos vestígios remanescentes. À superfície resta nestes casos proceder a arranjos paisagísticos simples, com a instalação de adequada cobertura vegetal herbácea.

Seria esta a solução mais apropriada, e também a mais económica, para este local, no caso de não haver perspectivas e/ou viabilidade para a execução de projecto de valorização como que ora propomos. Nestes termos, um dos primeiros requisitos a ter em conta na Foz do Enxarrique é o de garantir a existência de uma superfície capaz de satisfazer as seguintes requisitos básicos:

- 1) Ser funcional, permitindo a circulação no local, assim como o seu atravessamento, desde a saída da ponte pedonal e na direcção de Senhora da Alagada; adicionalmente, pode também considerar-se a preparação do local para a realização de actividades (por exemplo, ateliês educativos) compatíveis com a sua natureza e potenciadores da sua melhor percepção e valorização;
- 2) Ser segura, seja quanto à prevenção de possíveis acidentes (obstáculos, desnivelamentos de terreno, etc.), seja quanto à prevenção de actos de violência contra pessoas e bens;
- 3) Ser agradável visualmente, destacando-se pelo seu ordenamento paisagístico da “desordem” envolvente; o contraste entre espaços de ordem/desordem constitui um dos mais poderosos factores indutores de comportamentos civilizados, respeitadores das áreas intervenionadas; apetecível;
- 4) Ser educativa, permitindo perceber quer a natureza das intervenções científicas havidas no local (áreas escavadas, perfis estratigráficos, etc.), quer a soma dos conhecimentos adquiridos (ocupações humanas, quadros ambientais).

Tendo por bases estes requisitos, estabeleceu-se o seguinte elenco de medidas concretas (cf. fig. 1):

## ACESSOS E NIVELAMENTOS GERAIS

Os acessos correntes ao sítio arqueológico devem ser exclusivamente pedonais, através da ponte sobre a foz da Ribeira do Enxarrique. Pode, todavia, admitir-se acessos de serviço para viaturas, através de caminho já existente, de ligação com a plataforma superior e o cruzamento entre a estrada da Pousada e a que une o Porto ao Tejo à Capela da Sra. da Alagada.

## ÁREAS ESCAVADAS

A maior parte das áreas escavadas deve ser objecto de cobertura até à cota da superfície geral envolvente. Trata-se das áreas assinaladas na planta em anexo pelo código C2. Importa no entanto assinalar, à superfície, uma distinção entre estas áreas e todas as outras envolventes, de modo a não somente estabelecer um marcador que as identifique tendo em conta eventuais futuras escavações, como principalmente dar ao visitante deste local a informação de que ali se fizeram escavações em extensão. Fica ao critério da arquitectura paisagística a escolha da modalidade de marcação visual de superfície, podendo desde logo admitir-se soluções relacionadas com a natureza dos inertes (por exemplo, areão, gravilha ou seixos de cor, densidade e calibragem claramente distintas da envolvente) ou do tipo de cobertura vegetal, ou de ambos. Eventualmente poderia também marcar-se na superfície os principais eixos da quadriculagem da escavação, sugerindo uma figura de reticulado (xadrez), fisicamente marcado por alinhamentos de clastos, colocados em cunha (na vertical), de forma contínua ou descontínua sugerindo tracejados).

Uma proposta mais ousada seria a de instituir nesta zona uma “ilha” central, rodeada por espelho de água em três ou apenas dois lados (o que está virado para a ponte pedonal e os dois marginantes), simulando de algum modo a confluência entre a ribeira do Enxarrique e o rio Tejo, na qual se procedesse a uma reconstituição etno-arqueológica, uma “cena de vida” de alguns Neandertais, em tamanho natural, ocupados em actividades do quotidiano (talhar a pedra, raspar peles, assar carne, afiar chuços, etc.). Esta opção, certamente mais atraente do ponto de vista educativo, implica custos acrescidos tanto na execução dos modelos, como na infra-estruturação e manutenção geral do espaço. A ser adoptada, encontramos-nos em condições de assessorar tec-

nicamente na elaboração do diorama proposto e na selecção de técnicos ou empresa que o execute.

Seja qual for a solução, deve dar-se atenção à circunstância de se tratar de superfície que ficará exposta aos agentes meteóricos, devendo por isso ser antecipado o seu natural envelhecimento.

Um sector menor das áreas escavadas, imediatamente adjacente ao talude existente no local, deve ser preservado tal como foi deixado depois da escavação. Trata-se da zona registada na planta em anexo através do código C1. Aqui importa realizar uma limpeza geral profunda das superfícies escavadas e eventualmente aprofundar diferencialmente alguns quadrados de escavação, de modo a fornecer facilmente ao visitante as seguintes leituras: (a) percepção do método de escavação usado; (b) visualização do substrato rochoso (xisto-grauváquico) e dos seus sucessivos preenchimentos até à base do nível arqueológico, depois deste desmontado; estes preenchimentos poderão localmente ser: cascalheiras de base descontínuas, compostas por pequenos, médios e por vezes grandes blocos; argilas xistosas; areias e siltes.

A zona assim definida, deve ser envolvida por plataforma de observação a construir nos seus lados Sul (virado ao Tejo) e Oeste (virado ao Enxarrique), de modo a facilitar a sua observação (assim como a do perfil estratigráfica à retaguarda, conforme se referirá a seguir e dificultar/impedir o acesso directo à mesma. Taludes / estratigrafias (fig. 2)

Sendo um dos aspectos mais importantes neste sítio a sua boa conservação estratigráfica, importa dar ao visitante informação desta realidade. Para o efeito considera-se a existência de um talude contíguo com as áreas escavadas, numa frente virada ao Tejo. Na planta em anexo é representado com o código E. A intervenção que propomos passará aqui pela limpeza e regularização geral deste talude, tornando-o tão vertical quanto possível e pondo em evidência micro-estratigrafia e nomeadamente os sucessivos leitos de formações carbonatadas que o atravessam. O horizonte arqueológico, que constitui um destes leitos, o mais basal deverá ser especialmente salientado, se possível mantendo *in situ* algumas peças líticas e ósseas.

Em algum ponto do perfil assim obtido será aplicada uma faixa vertical explicativa da estratigrafia, identificando-a do ponto de vista sedimentar, arqueológico e cronológico.

Para que esta intervenção se justifique é forçoso tomar medidas, aliás prévias, que garantam a protecção do referido talude / perfil estratigráfico. Estamos a pensar em algum tipo de telheiro que impeça a acção directa da chuva sobre o mesmo, assim como as escorrências a partir da plataforma superior. Na planta em anexo marcámos com o código G a área a cobrir pelo dito telheiro. Deixa-se ao critério da arquitectura paisagística o exacto desenho e dimensionamento deste equipamento ou de outro similar que permita alcançar os fins desejados.

### ÁREAS DE “RESERVA ARQUEOLÓGICA”

Uma parte considerável, desejavelmente a maior e melhor conservada, do horizonte arqueológico detectado neste sítio deve ficar como “reserva arqueológica” para eventuais futuras intervenções, orientadas por questionários científicos. Na planta em anexo registámos estas áreas com os códigos A e H. No caso da área H não se espera nenhum tipo de intervenção, até porque se desconhece os condicionamentos que decorrem da sua propriedade, que se supõe privada. Em todo o caso, se for viável uma intervenção na mesma, então justificar-se-ia prepará-la à superfície para atravessamento e acesso a um ponto de observação sobre a plataforma inferior, o Tejo, o Porto do Tejo e as Portas de Ródão ao fundo. Uma proposta especialmente relevante para esta plataforma superior seria da instalação nela de uma escultura de grandes dimensões de um elefante, visível de longe. A solução que se entende ser a mais adequada ao local seria a simulação do dito volume em arame de ferro ou equivalente, conferindo-lhe transparência. Tratar-se-ia de um poderoso elemento de atracção para o local, um verdadeiro marcador de paisagem.

No caso da área A sugere-se um coberto vegetal rasteiro (do tipo prado ou outro julgado adequado pela arquitectura paisagística), sem qualquer tipo especial de demarcação relativamente às zonas imediatas.

### ÁREAS POTENCIAIS DE “ESCAVAÇÃO-ESCOLA”

Na perspectiva do que antes expusemos quanto à promoção neste sítio de uma “escavação-escola”, forçoso é considerar uma área destinada a este tipo de uso. Na planta em anexo identificámos esta área com o código B. Trata-se de um sector em que é de

esperar encontrar, no todo ou em parte, o horizonte arqueológico, todavia previsivelmente pior conservado, porventura em posição derivada a partir da zona nuclear do sítio. Estas condições favorecem a utilização social indicada, a qual é também acrescida pela maior facilidade de acesso e circulação sem interferência nas zonas melhor protegidas e ainda pela proximidade da frente ribeirinha, onde se podem instalar estações de crivagem de sedimentos (área assinalada com o código F na planta em anexo). Em superfície esta área deve ser objecto de arranjo paisagístico semelhante á anterior (área A), sem qualquer artifício que a discrimine.

### PLATAFORMA SOBRE O TEJO

A plataforma assinalada na planta em anexo com o código F, a que aludimos anteriormente por constituir suporte ideal para instalação de estação de crivagem durante as escavações, pode também servir outras finalidades. Desde logo a de ponto de observação e descanso, para o que a sugere a instalação de algum equipamento adequado. Mas também zona de acesso à bancada rochosa inferior, imediatamente sobre o rio, que costume ser frequentada por pescadores de cana. Não havendo nada da parte arqueológica a opor a este tipo de uso, fica ao critério da arquitectura paisagística e das autoridades municipais a sua possível consideração, assim com os correspondentes arranjos funcionais.

### RESTANTE PLATAFORMA ENVOLVENTE

A restante plataforma envolvente (área D na planta em anexo) deve servir fins múltiplos, podendo ser objecto dos respectivos arranjos paisagísticos de superfície. Entre os fins sugeridos podem contar-se: (a) zona informativa (painéis documentais) e educativa (espaço livre para actividades tais como reconstituições de cenas de vida e animais pré-históricos, ateliês educativos, instalações artísticas, etc.); (b) zona de descanso e lazer, usada também como apoio às escavações (mesas, bancos, lixo) (água potável?); (c) zona de circulação; (d) zona de estacionamento de viaturas (em casos excepcionais, designadamente aquando das escavações) (3 lugares).

Algumas indicações quanto ao desenho gráfico e conteúdo dos painéis informativos a instalar no local (em anexo) poderiam estabelecer que: (a) deverá instituir-se uma “imagem gráfica” comum, da

qual possa fazer parte um logótipo identificador e sugestivo, a incluir em todos os suportes (sugere-se uma silhueta de homem pré-histórico, eventualmente associada com silhueta de elefante); (b) deverão considera-se três tipos de painéis (cf. propostas em anexo): (b1) de aproximação e mera indicação de direcções (mais pequenos e eventualmente baixos e semi-horizontais); (b2) informativos temáticos (verticais e de dimensão média (c. 1,5 m alt x 1 m larg); (b3) panorâmicos (porventura somente um painel, de grandes dimensões, colocado na retaguarda da plataforma, em zona frontal à saída da ponte pedonal).

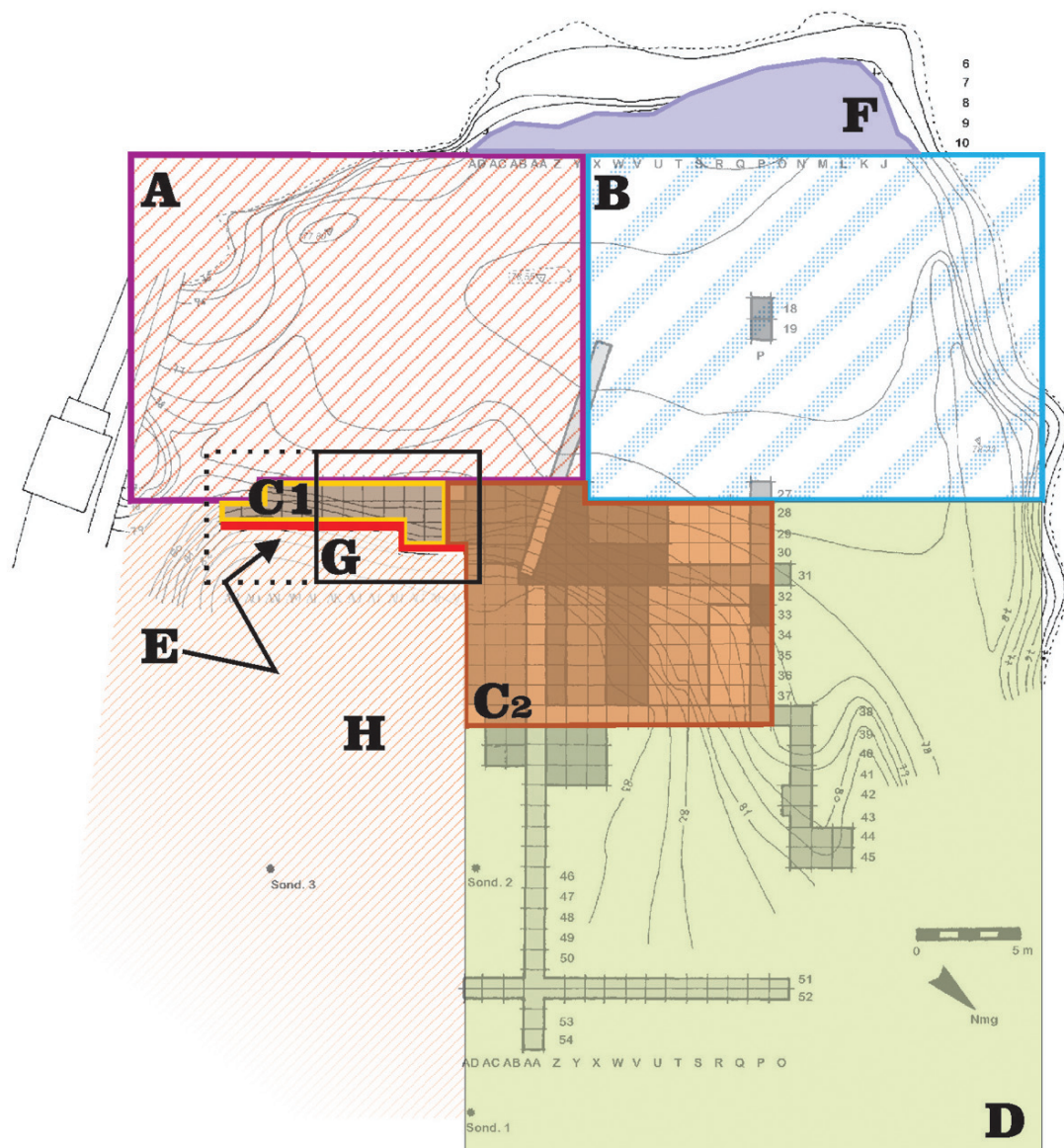
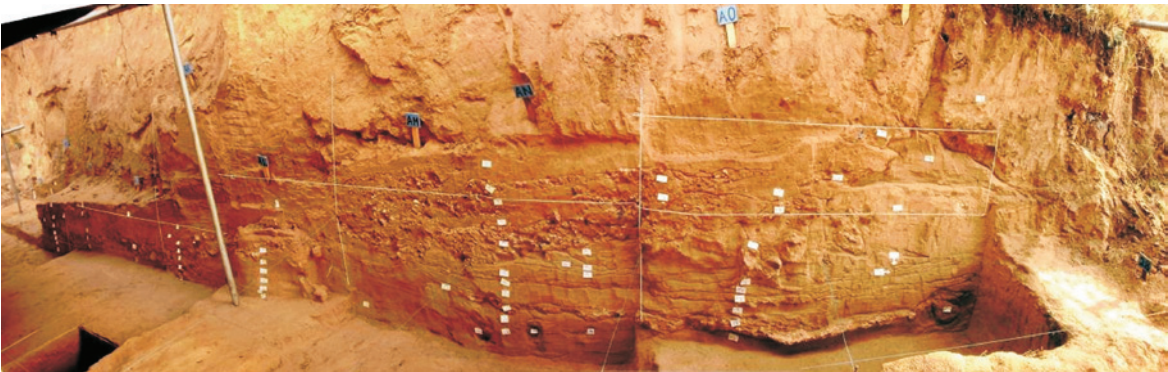


Figura 1 – Planta geral do local da Foz do Enxarrique, com indicação das diferentes áreas de intervenção na perspectiva patrimonial e educativa.



Figuras 2 e 3 – Pormenores de trabalhos arqueológicos realizados no sítio da Foz do Enxarrique, com relevo para os perfis estratigráficos e áreas escavadas que se pretendem manter visíveis (zona C1, na planta da Figura 1).



**AAP**  
 ASSOCIAÇÃO  
 DOS ARQUEÓLOGOS  
 PORTUGUESES

Patrocinador oficial

Apoio institucional

FUNDAÇÃO  
**Millennium**  
 bcp

**BNP**  
 BIBLIOTECA  
 NACIONAL  
 DE PORTUGAL

 GOVERNO DE  
 PORTUGAL

  
 Parques de Sintra  
 Monte da Lua